



TÁTA NGANGA KIMBANDA KAMUXINZELA
FEITIÇARIA TRADICIONAL BRASILEIRA

PADÊS COMO TALISMÃS

INTRODUÇÃO: PADÊS COMO TALISMÃS: A CIÊNCIA DOS RAIOS NA PRÁTICA DA QUIMBANDA

Este ensaio apresenta uma atualização prática do debate sobre as influências astrais, árabes, salomônicas e europeias no exercício contemporâneo da Quimbanda. O foco não é meramente historiográfico: escolhemos uma tecnologia ritual específica — o padê — para demonstrar, no chão do terreiro, como tais tradições foram crioulizadas na feitiçaria afro-brasileira. Em vez de permanecer no plano dos conceitos, mostramos a transmutação do repertório salomônico (selos, pantáculos, imagens, horários planetários, ciência dos *raios*) em receitas operativas e critérios técnicos de montagem, forração, consagração e assinatura astral. Assim, *padês como talismãs* não é metáfora, mas tese: o padê funciona como um talismã vivo, condensando, na matéria culinária e sacrificial, influxos e correspondências simpáticas que a literatura árabe-latina fixava em metais, pedras e fumigações. Essa leitura se apoia no percurso delineado em nossos estudos sobre a tradição salomônica árabe e sua recepção atlântica, do TESTAMENTO DE SALOMÃO ao PICATRIX, das *bolsas de mandinga* aos patuás afro-brasileiros, com ênfase na tradução crioula operada pela Quimbanda.

Nosso segundo objetivo é evidenciar o vínculo entre a *ciência dos raios* e as tecnologias mágicas da Quimbanda, sobretudo o feitio de padês. Tomando a teoria irradiatória e tipológica herdada do ambiente árabe e o seu esquadriamento astrológico, mostramos como a Quimbanda a territorializa em chave afro-crioula: os sete raios (Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno) tornam-se gramática prática para mapear Reinos, Povos e Legiões, orientar a forração vegetal, escolher *materia magica* (farinhas, óleos, grãos, carnes, pós, metais e líquidos) e sincronizar tempos e locais de poder. Em outras palavras, o que nos manuais árabes aparecia como oferendas astrais — *nusk al-kawākib* — é, na Quimbanda, cozinha teúrgica: a mesma lógica de correspondência é reescrita em dendê, farinha, fumo e sangue, articulada por pontos riscados e verbo consagratório. As ideias sobre *raio-reino* e os exemplos técnicos dados nas Seções 1 e 2 sustentam que o padê é uma configuração talismânica em movimento, onde as virtudes astrais da *materia magica* encontram o fundamento e extensão ctônica no terreiro.

Por fim — e este é o ponto mais importante —, demonstramos que os padês constituem um sistema mágico completo, uma ciência profunda da Quimbanda. Longe de serem *alimentos votivos* indiferenciados, padês são arquitetura energética: organizam a passagem pelas quatro ordens de eficácia descritas por Avicena (*naturalis, celestis, spiritualis, divina*), integram a doutrina das correspondências simpáticas, criam assinaturas astrais (servidores artificiais) e traduzem a metafísica da *luz astral* em técnica verificável. No plano antropológico, operam como fatos sociais

totais: redistribuem forças, regulam vínculos, pacificam conflitos e instauram agência mágica. No plano teúrgico, *cozinham o Cosmos no corpo* de Maioral: da forração ao selamento com sangue, do ponto riscado ao canto, cada detalhe é método — não devoção vaga, mas engenharia ritual. As seções que seguem, já consolidadas, comprovam esta tese com exposição doutrinária (Seção 1) e demonstração operativa (Seção 2), nas quais os padês como talismãs aparecem como a forma afro-diaspórica madura da tradição salomônica no Brasil, i.e. *Ocultismo brasileiro* em estado de obra.

SEÇÃO . I.

A DOUTRINA DAS CORRESPONDÊNCIAS SIMPÁTICAS NA QUIMBANDA¹

Operar a magia no contexto da Quimbanda é [algo] que frequentemente chamamos de «fazer macumba», e a macumba é realizada com a assistência de um espírito; como o *ponto cantado* diz, «sem Exu não se faz nada». Antes de discutir as várias formas de *macumba*, também conhecida como *magia negra*, é importante entender a tecnologia espiritual por trás do trabalho da *macumba*.²

Caro Irmão de Fé, ao escrever este pequeno trabalho, foi com o intuito de esclarecer e ensinar aos Irmãos de Fé, diversos tipos de Magias, Feitiços, Oferendas e Despachos, diversos Trabalhos de defesa e de ataque. Enfim procurei ensinar de tudo um pouco sobre o *Agente Mágico Universal, suas cores, seus locais certos onde devem ser colocados seus despachos*. Torna-se necessário que se esclareça tudo a respeito deste Povo, pois utilizado com sapiência, através deles consegue-se verdadeiros milagres.³

As duas passagens acima sintetizam de maneira exemplar o ponto de partida da doutrina das correspondências simpáticas ou a *simpatia* na Quimbanda. A primeira, de Nicholaj de Mattos Frisvold (n. 1972), afirma que *sem Exu não se faz nada* — máxima que, além de conhecida no repertório oral dos terreiros, traduz uma cosmologia completa. Frisvold não descreve apenas um sistema de oferendas, mas delineia uma *tecnologia mágico-espiritual*, i.e. um conjunto de procedimentos técnicos que visam ativar forças intermediárias do Cosmos. Essa *tecnologia* — termo que ecoa o uso de Mircea Eliade (1907–1986) em *O SAGRADO & O PROFANO* para designar a dimensão técnica do sagrado⁴ — é o que diferencia a macumba, no sentido prático, de qualquer prática puramente devocional: ela é operativa, a manipulação e conhecimento das correntes de força mágica da natureza.

A segunda citação, de N. A. Molina, complementa essa perspectiva do ponto de vista interno ao culto da Quimbanda. Molina escreve como quem transmite um saber funcional — uma *arte de fazer* — que inclui feitiços, despachos e oferendas. Sua referência ao *Agente Mágico Universal* indica, em chave popular, o mesmo princípio

¹ Esse texto foi publicado originalmente no livro DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTSE DA MAGIA. Clube de Autores, 2024, com o título de *Feitiçaria Tradicional Brasileira*. Para essa edição o texto foi revisado, atualizado e anotado.

² Nicholaj de Mattos Frisvold. SEVEN CROSSROADS OF NIGHT: QUIMBANDA IN THEORY AND PRACTICE. Hadean Press, 2023, pp. 105.

³ N.A. Molina. SARAVÁ EXU. Editora Espiritualista, 3^a Edição, pp. 15, sem data.

⁴ Martins Fontes, 2018.

hermeticista presente nas tradições ocidentais: o da *luz astral*⁵ ou *força ódica*⁶ de Éliphas Lévi (1810–1875), compreendida como o meio sutil que conecta ou vincula o espírito à matéria. Assim, tanto Frisvold quanto Molina convergem numa formulação comum: a Quimbanda é uma ciência de manipulação das forças mágicas da Natureza, cujas leis não são morais, mas técnicas — ou, em termos herméticos, simpáticas. Essas duas vozes, Frisvold e Molina, representam dois polos da Quimbanda contemporânea: o da reflexão hermenêutica e o da prática viva.

A Quimbanda é, em sua essência, uma feitiçaria teúrgica — a arte de manipular as correntes de força ódica, i.e. os fluxos vitais ou torrentes mágicas que compõem

⁵ O termo *luz astral* tem origem no vocabulário do *Ocultismo* francês do fim do Séc. XIX e foi amplamente difundido por Éliphas Lévi, especialmente em *DOGME ET RITUEL DE LA HAUTE MAGIE* de 1854. Lévi descreve-a como o *fluído luminoso universal*, um agente sutil que permeia todas as coisas, funcionando como *meio* ou *vínculo* entre o espírito e a matéria, e como o campo através do qual se manifesta a vontade do operador. Essa concepção foi herdada de uma longa tradição hermética e filosófica, que remonta à *alma do mundo* ou *anima mundi*. conceito já formulado por Platão (427–347 a.E.C.) no *TIMEU* (34b–37d), onde o Cosmos é apresentado como um ser vivo dotado de corpo e alma, animado por um princípio que o liga ao Intelecto divino. Essa doutrina foi retomada e desenvolvida pelos platônicos místicos e teúrgicos — especialmente Plotino (204–270 d.E.C.) e Jâmblico (245–325 d.E.C.) — para os quais o universo é um organismo animado, sustentado por um princípio intermediário entre o Uno e a multiplicidade. Nessa perspectiva, a *anima mundi* funciona como o veículo de toda vida e de toda comunicação entre os planos, correspondendo, no vocabulário moderno do hermeticismo, à chamada *luz astral* e, na Quimbanda, ao Corpo do Chefe Império Maioral: a substância viva que interliga e vivifica os Reinos da Quimbanda, interconectando micro e macrocosmo sublunar.

No hermetismo renascentista, Marsilio Ficino (1433–1499) já havia identificado essa substância intermediária como o *espírito do mundo* ou *spiritus mundi*, mediador das influências astrais sobre a natureza. No entanto, é no Séc. XIX — com Lévi, Papus (1865–1916) e Stanislas de Guaita (1861–1897) — que o conceito assume seu caráter técnico no interior do que Wouter J. Hanegraaff denomina de *hermeticismo moderno* (*cf.* ESOTERICISM AND THE ACADEMY. Cambridge University Press, 2012, pp. 112–115). A *luz astral* torna-se, nesse contexto, o meio científico da operação mágica, explicando, segundo Papus (*cf.* TRATADO DE CIÊNCIAS OCULTAS. Pensamento, 1983, pp. 85–91), os fenômenos de *simpatia, contágio e vibração universal*.

Na Quimbanda, essa noção é reinterpretada em chave afro-diaspórica como o *corpo* do Chefe Império Maioral, i.e. a substância vital e inteligente que sustenta a manifestação das forças espirituais e dá coesão ao Cosmos mágico. Enquanto no hermeticismo a *luz astral* é um fluido impessoal, na Quimbanda ela se personaliza em Maioral, princípio andrógino que equilibra os polos positivo e negativo da criação. A *luz astral* é, portanto, o *campo de condensação do àṣé*, onde se cruzam as correntes de força ódica — ativa (Exus) e receptiva (Pombagiras). O termo, portanto, mantém a estrutura conceitual herdada do hermeticismo moderno, mas se reconfigura profundamente ao integrar-se à ontologia afro-brasileira: a *luz astral* deixa de ser um meio neutro de transmissão de forças para tornar-se um princípio vivo, volitivo e consciente — o corpo mesmo do poder criador da Quimbanda. Ver Fernando Liguori. DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA. Clube de Autores, 2024.

⁶ A expressão *força ódica* (ou simplesmente *ód*) foi cunhada pelo químico, físico e filósofo alemão Karl Ludwig Freiherr von Reichenbach (1788–1869) em suas pesquisas sobre magnetismo, eletricidade e vitalismo, reunidas em *UNTERSUCHUNGEN ÜBER DIE DYNAMIDE DES MAGNETISMUS, DER ELEKTRICITÄT, DER WÄRME, DES LICHTS, DER KRISTALLISATION UND DER CHEMIE IN IHREM VERHÄLTNIS ZUR LEBENSKRAFT* de 1849. Reichenbach postulava a existência de um fluido vital invisível, presente em todos os seres vivos e substâncias, que denominou *Od* — termo derivado do nórdico antigo *Óðr*, significando *espírito, sopro, inspiração*. Essa força, segundo ele, manifestava-se sob a forma de correntes luminosas perceptíveis por médiuns sensíveis, possuindo natureza dupla — positiva e negativa — e estando associada a fenômenos como o *magnetismo animal* de Franz Anton Mesmer (1734–1815).

No âmbito do *Ocultismo* moderno do Séc. XIX, a teoria de Reichenbach foi assimilada e reinterpretada como uma formulação científica do *fluído universal* ou da *luz astral* dos hermetistas. Éliphas Lévi identificou o *ód* como a base física do *agente mágico universal*, unindo a tradição cabalística, alquímica e magnética sob uma mesma terminologia. Stanislas de Guaita e Papus seguiram o mesmo caminho, integrando o conceito à doutrina das vibrações e das correspondências simpáticas.

Na Quimbanda, o termo *força ódica* foi adotado e reinterpretado como sinônimo técnico das *correntes vitais* que estruturam o Corpo do Chefe Império Maioral — ou seja, a substância viva e polarizada da criação. Trata-se da energia operativa que anima tanto o mundo visível quanto o espiritual, e cuja manipulação define o ato mágico. A *força ódica* corresponde àquilo que os povos bantos chamam *moyo* e os *yorùbás* denominam *àṣé*: o poder realizador que circula nos corpos e nas coisas, tornando possível a ação dos Exus e Pombagiras. Enquanto na literatura ocultista europeia o *ód* designa uma energia neutra, na Quimbanda ele se converte em princípio volitivo e moralmente qualificado pela intenção e pela natureza do operador. É, portanto, a tradução crioulizada da energia universal dos hermetistas, agora compreendida como fluido ancestral e fundamento do *àṣé* — a corrente vital de Maioral.

o corpo do Chefe Império Maioral, também chamado de *luz astral*. Essas correntes são mobilizadas por meio de bases materiais — os *agentes mágicos universais* — que constituem a matéria-prima do trabalho de macumba: a cachaça, o fumo, a pólvora, os padês, os pontos riscados e cantados, os sacrifícios de sangue, as ponteiras e os despachos. Cada um desses elementos participa de uma rede de correspondências simpáticas entre o visível e o invisível, o denso e o sutil, reproduzindo, no plano ritual, o próprio dinamismo do Cosmos. Daí afirmar-se que a Quimbanda é amoral: as torrentes de força que ela mobiliza não obedecem a um código ético humano, mas a leis naturais de polaridade e ressonância. O poder não reside na intenção moral do operador, e sim na precisão técnica com que ele estabelece as ligações ou vínculos entre os planos, pois, *utilizado com sapiência [...] consegue-se verdadeiros milagres*.⁷ Assim, as forças espirituais da Quimbanda — os Exus e Pombagiras — são deidades mercuriais, espelhos animados da consciência e das paixões humanas.⁸ Como observa Frisvold, o poder amoral de Exu reflete o invocador: cada espírito devolve àquele que o chama a exata medida de sua *vontade* ou *paixão*, de seu desejo e de sua força interior. A magia na Quimbanda, portanto, é uma ciência de reflexos e correspondências, onde a alma do operador e a *alma do mundo* se comunicam pelo mesmo idioma energético. Frisvold diz:

Dada a orientação amoral de Exu e como esse poder tem uma capacidade mercurial de refletir o invocador, [...] ele] em teoria concordará com qualquer contrato que seja oferecido, desde que a palavra seja o vínculo e o pagamento seja dado. [...] Oferecendo sangue, tabaco e fogo como alimento e névoa corporal para esses espíritos amorais, é teoricamente possível fazer um acordo de *quid pro quo* com Exu e Pombagira em relação a qualquer coisa.⁹

Ao afirmar que Exu possui *uma capacidade mercurial de refletir o invocador*, Frisvold sintetiza, em chave moderna, uma verdade metafísica antiga: a de que a operação mágica é um jogo de espelhos entre o microcosmo e o macrocosmo. O Exu não é um *espírito moral*, mas um princípio de ressonância. Ele responde às volições anímicas do operador, refletindo suas intenções, paixões e proporção de poder interior. Essa reflexividade é o fundamento da magia: o universo reage àquilo que nele é projetado, devolvendo a imagem do desejo que o movimenta. No plano filosófico, trata-se da aplicação prática da *sympatheia* platônica — a correspondência simpática entre todas as partes do ser — e, no plano teúrgico, da atualização do antigo princípio hermético *como em cima, assim embaixo*. A moral humana é irrelevante diante da geometria universal das forças; o que importa é a exatidão do rito e a coerência do operador. É por isso que Frisvold pode dizer que o poder de Exu é *amoral*: ele não distingue virtude de vício, apenas natureza e intensidade de intenção e clareza de forma.

Como observei em ensaios diversos na *Revista Nganga*, essa mecânica de trabalho com os Gangas da Quimbanda — segundo a qual os espíritos só se movem mediante o pagamento ou a oferenda — é herdeira direta da tradição dos grimórios europeus, particularmente do GRIMORIUM VERUM, que afirma: *Desde que estejam*

⁷ N.A. Molina. SARAVÁ EXU. Editora Espiritualista, 3^a Edição, pp. 15, sem data.

⁸ A designação *mercurial* refere-se tanto à função psicopompa de Exu (como o Hermes grego) quanto à natureza mutável das forças mágicas com que trabalha.

⁹ Nicholaj de Mattos Frisvold. SEVEN CROSSROADS OF NIGHT: QUIMBANDA IN THEORY AND PRACTICE. Hadean Press, 2023, pp. 106.

*satisfeitos com sua parte, porque esse tipo de criatura não faz nada por nada.*¹⁰ Esse axioma, longe de reduzir a relação mágica a uma troca mercantil, expressa a própria natureza do equilíbrio entre todas as relações: *toda força/energia desprendida exige compensação*. O sacrifício — seja ele de sangue, de alimento, de fumo ou de verbo — é a forma simbólica dessa reciprocidade¹¹. Na Quimbanda, o pagamento não é suborno, mas princípio ontológico: é o reconhecimento de que toda força tem preço, e o preço é o retorno do movimento. Frisvold prossegue, descrevendo esse mesmo processo em termos rituais: oferecer sangue, tabaco e fogo é prover aos espíritos os elementos necessários para que assumam corpo, odor e densidade, manifestando-se no espaço-tempo.

A ideia de que o vínculo mágico é sustentado pela palavra e pela dádiva aproxima a Quimbanda da teurgia platônica, na qual a relação entre homem e deuses se estabelece por *homologia*, não por súplica. Quando o operador pronuncia o ponto ou o cântico, ele cria o elo vibratório que permitirá ao espírito agir; quando oferece o sangue ou o fumo, ele lhe fornece o corpo e o sopro. Assim, a oferenda torna-se o meio pelo qual a linguagem se faz substância, e o verbo se encarna em força mágica.

¹⁰ GRIMORIUM VERUM, 1817. Tradução em Humberto Maggi. THESAURUS MAGICUS, Vol. I. Clube de Autores, 2010, pp. 438. O GRIMORIUM VERUM, manuscrito de origem franco-italiana datado de meados do Séc. XVIII, representa um ponto de inflexão no desenvolvimento da literatura mágica europeia ao restabelecer o princípio pagão da *reciprocidade sacrificial* — i.e. a necessidade de alimentar espiritualmente os espíritos convocados. Diferente dos grimórios cristianizados do período medieval, como o CLAVICULA SALOMONIS (Séc. XV), que suprimiram a prática de oferendas materiais em favor de fórmulas devocionais e penitenciais, o GRIMORIUM VERUM recupera a mecâника clássica da magia helenística, em que o sacrifício, a fumaça, os perfumes e o sangue eram os meios de corporificação dos espíritos. Ver Joseph H. Peterson (Ed.). THE GRIMORIUM VERUM. CreateSpace Publishing, 2007, pp. 25–27. Ver também Claude Lecouteux. THE BOOK OF GRIMOIRES: THE SECRET GRAMMAR OF MAGIC. Inner Traditions, 2002, pp. 89–94. Ver também Fernando Liguori. DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTSE DA MAGIA. Clube de Autores, 2024.

Essa retomada ecoa práticas muito mais antigas, descritas nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS (PGM), sobretudo nos rituais de evocação de Hécate, Helios e dos *daimones ctônicos*, onde o oferecimento de sangue, vinho, resinas e animais visava *abrir o corpo do mundo* para a manifestação da divindade. Ver Hans Dieter Betz (Ed.). THE GREEK MAGICAL PAPYRI IN TRANSLATION. University of Chicago Press, 1996, PGM IV, 2708–2890. O HYGROMANTEIA bizantino (Sécs. XIV–XV), texto precursor da tradição salomônica, manteve essas práticas. Ver Stepher Skinner (Ed.). THE MAGICAL TREATISE OF SOLOMON. Golden Hoard Press, 2011.

O GRIMORIUM VERUM, ao reintroduzir a lógica da *oferta obrigatória* — declarando que *os espíritos não fazem nada sem receber a sua parte* —, reabre no Ocidente a via pagã da magia operativa. Essa mesma lógica ressurgirá, séculos depois, nas práticas afro-diaspóricas, onde o princípio do sacrifício e da alimentação dos espíritos mantém sua função original: prover aos seres invisíveis a substância necessária para sua corporificação no mundo visível. Ver. Jake Stratton-Kent. GEOSOPHIA: THE ARGO OF MAGIC. Scarlet Imprint, 2010, Vol. I, pp. 61–69.

¹¹ A prática do sacrifício e da oferenda, como princípio de reciprocidade simpática com o Cosmos, é um elemento estrutural das religiões e sistemas mágicos de matriz africana. Entre os povos bantos, especialmente no universo congo-angolano, o sacrifício (*tambu, lukasa, kuluka*) é entendido como *alimentação das forças* — ato de manutenção da vitalidade (*moyo*) e de restauração do equilíbrio entre o mundo dos vivos (*nsi a muntu*) e o dos ancestrais (*nsi a bakulu*). Ver Fu-Kiau Bunseki. SELF-HEALING POWER AND THERAPY: OLD TEACHINGS FROM AFRICA. African Tree Press, 2014, pp.25–33. Ver também Wyatt MacGaffey. RELIGION AND SOCIETY IN CENTRAL AFRICA: THE BAKONGO OF LOWER ZAIRE. University of Chicago Press, 1986, pp.112–121. O sangue, a bebida, o fogo ou o fumo não são meras oferendas simbólicas, mas substâncias dotadas de potência vital, capazes de ativar o *nkisi* — o espírito-força que habita os objetos sagrados.

Entre os *yorùbás*, o sacrifício (*ebø*) cumpre função análoga: é a retribuição necessária para manter o fluxo do *àṣẹ*, a energia divina que anima o universo. Pierre Verger observa que *nenhum pedido é feito aos orixá sem que se ofereça algo em troca, pois a oferenda é o veículo da palavra e o meio de circulação do poder* (Ewé: O USO DAS PLANTAS NA SOCIEDADE IORUBÁ. Companhia das Letras, 1985, 27–31). William Bascom, em IFA DIVINATION: COMMUNICATION BETWEEN GODS AND MEN IN WEST AFRICA (Edições Oséétürá, 2023, pp.94–98), explica que o *ebø* mantém a comunicação entre os domínios humano e divino, realizando na prática o princípio filosófico do *àṣẹ ni gbogbo nkan — tudo existe pelo poder da àṣẹ*.

A convergência entre essas concepções africanas e o axioma do GRIMORIUM VERUM, *nada é feito sem pagamento*, demonstra a universalidade das técnicas de magia e feitiçaria: em toda tradição, a operação espiritual depende da compensação energética que restabelece o equilíbrio entre o visível e o invisível. O que na linguagem teúrgica europeia se chama *simpatia* é, nas culturas africanas, a própria dinâmica vital do Cosmos — a ciência do dar e receber que mantém o mundo em movimento. Cf. Mircea Eliade *op. cit.*

O pacto não é, portanto, uma aliança com o mal — conceito alheio à cosmologia da Quimbanda —, mas a assinatura simbólica de uma reciprocidade universal. Frisvold continua:

Nessa base, operar a macumba pode ser tão simples quanto oferecer uma garrafa de cachaça e um charuto para fazer alguma coisa, até múltiplas oferendas de força vital para alcançar os mesmos resultados. Depende de vários fatores, sendo um deles o tipo de relacionamento que temos com Exu e em que premissas ele aceitou trabalhar. Além disso, trata-se também de quão realistas são as metas estabelecidas para a macumba. Lembremos que a magia, o trabalho de feitiços ou a macumba, na Idade Média, era uma disciplina séria sob o título de filosofia natural; tratava-se de compreender o funcionamento oculto da natureza. Estes segredos ocultos consistiam em compreender como fazer algo num lugar poderia gerar efeitos noutro lugar, nomeadamente na compreensão da ligação entre todas as coisas nos mundos, visíveis e invisíveis, e como todas as coisas estavam ligadas. Compreender isso levaria ao conhecimento da manipulação desses laços, daí a magia prática, ou macumba.¹²

O que Frisvold se refere como a *compreensão da ligação entre todas as coisas nos mundos, visíveis e invisíveis, e como todas as coisas estavam ligadas*, corresponde ao que, desde a Antiguidade, se conhece sob o nome de *sympatheia*, ou doutrina das correspondências simpáticas — o princípio segundo o qual o Cosmos é um corpo vivo, e cada parte dele participa da vibração do todo.¹³ Ao mencionar que a *macumba medieval* era considerada a filosofia natural, Frisvold recupera, ainda que implicitamente, a herança platônica e hermética dessa ideia: a noção de que toda magia se fundamenta no reconhecimento das relações ocultas que unem os elementos da natureza, os astros, as plantas, os metais e as almas.¹⁴ Assim, oferecer uma garrafa de cachaça, um charuto ou uma gota de sangue não é um gesto arbitrário, mas o acionamento de uma cadeia simbólica que, por semelhança e contágio, conecta o gesto humano à força mágico-espiritual correspondente.

Essa percepção de que *todas as coisas estão ligadas* é o eixo de todo sistema mágico, tanto na tradição helenística — como atestam os PAPIROS MÁGICOS GREGOS — quanto nas cosmologias africanas, em que o conceito de *moyo* (vida) entre os bantos e o de *àṣẹ* entre os *yorùbás* expressam a mesma convicção de uma força vital única em circulação.¹⁵ O que o operador faz, ao agir na Quimbanda, é reproduzir em escala ritual o movimento de coesão que rege o Cosmos. A simpatia é, portanto, a linguagem universal da magia: o conhecimento dos laços invisíveis que ligam o alto e o baixo, o visível e o invisível, o humano e o divino. Wouter J. Hanegraaff sumariza sua importância da seguinte maneira:

Esta primeira categoria [controle] diz respeito a práticas pelas quais se tenta ganhar algum tipo de influência ou poder sobre a realidade. Muitas delas têm sua origem, de forma bastante simples,

¹² Nicholaj de Mattos Frisvold. SEVEN CROSSROADS OF NIGHT: QUIMBANDA IN THEORY AND PRACTICE. Hadean Press, 2023, pp. 107.

¹³ Sobre a *sympatheia*, ver Plotino, ENÉADAS (IV.4.40), e Jâmblico, DE MYSTERIIS (II.11). Cf. Wouter J. Hanegraaff. ESOTERICISM AND THE ACADEMY. Cambridge University Press, 2012, pp. 119–124.

¹⁴ O termo *filosofia natural* designava, nos Sécs. XV–XVII, o estudo das forças ocultas da natureza, incorporando astrologia, alquimia e magia. Ver D.P. Walker. SPIRITUAL AND DEMONIC MAGIC FROM FICINO TO CAMPANELLA. The Pennsylvania State University Press, 2003, pp. 1–9.

¹⁵ Ver Hans Dieter Betz *op. cit.*, Fu-Kiau Bunseki *op. cit.* e Pierre Verger *op. cit.*

no fato básico da vulnerabilidade humana: em maior ou menor medida, todos estamos à mercê de circunstâncias externas que podem nos prejudicar de uma forma ou de outra, e assim é bastante natural que os seres humanos reajam tentando encontrar alguma forma de controle em um mundo ameaçador. Um exemplo óbvio é o uso generalizado de amuletos ou talismãs para fins como proteção pessoal contra perigos naturais, como doenças ou morte, mas também contra as intenções maliciosas (imaginadas ou reais) de outros seres humanos. Pois, além de as pessoas sentirem a necessidade de proteção contra danos, elas também podem tomar a iniciativa e realmente tentar prejudicar seus inimigos, por meio de ferramentas e técnicas semelhantes.

Claro, infligir dano ou proteger-se contra ele é apenas uma das possíveis motivações para se engajar em práticas de controle: por exemplo, ao longo da história, homens e mulheres usaram encantos ou poções para fazer com que outros homens ou mulheres se apaixonassem por eles ou consentissem em fazer sexo, mas técnicas semelhantes também foram aplicadas a objetivos como a busca por poder ou riqueza (por exemplo, encontrar tesouros escondidos). As explicações para o motivo pelo qual essas práticas funcionariam variam desde causas naturais, como poderes ocultos e as forças cósmicas de simpatia e antipatia [de Plotino], até assistência de agentes [mágicos universais] sobrenaturais, como demônios ou anjos.¹⁶

O que Hanegraaff propõe, ao classificar as práticas mágicas na categoria do *controle*, é uma leitura antropológica que se harmoniza com a tradição filosófica antiga: a magia como resposta racional à vulnerabilidade humana diante do mundo. Segundo ele, os amuletos, talismãs, encantamentos ou oferendas — presentes em todas as culturas e tempos — constituem expressões técnicas de uma mesma aspiração: reduzir o acaso, instaurar ordem, conquistar agência sobre as forças externas. Essa necessidade de agir sobre o real, longe de ser irracional, é o ponto em que filosofia e feitiaria convergem. O mago antigo — e, em sentido pleno, o *kimbanda* — não busca subjugar a natureza, mas compreender as leis ocultas que regulam sua dinâmica. A doutrina da simpatia é precisamente essa compreensão: o reconhecimento de que o Cosmos é uno e coerente, que todo efeito supõe uma causa e que as forças, visíveis ou invisíveis, podem ser influenciadas pela analogia e pelo símbolo.

Assim, a concepção de Hanegraaff retoma a mesma intuição dos filósofos gregos. Parmênides (530–460 a.C.) afirmava que *o ser é um e contínuo*, negando a separação entre o humano e o divino; Empédocles (495–430 a.C.) explicou essa unidade em termos físicos, propondo que o mundo é composto de quatro raízes (fogo, ar, água e terra) unidas e separadas pelas forças de Amor e Ódio.¹⁷ Essas doutrinas pré-socráticas já contêm em germe a teoria da simpatia, pois estabelecem que os elementos do universo se atraem e repelem segundo afinidades próprias. Os estóicos (Sécs. IV–III a.E.C.) ampliaram essa visão, descrevendo o Cosmos como um corpo animado por um *pneuma* divino,¹⁸ e foi sobre esse modelo que os platônicos (místicos e teúrgicos) — especialmente Plotino, Porfírio e Jâmblico — construíram o edifício da teurgia. Nela, cada gesto ritual é eficaz porque reflete uma harmonia cósmica simpática, e cada sacrifício, canto ou símbolo é uma ponte entre o visível e o invisível.¹⁹

Essa doutrina atravessou séculos e ressurgiu no hermetismo renascentista, quando filósofos como Marsilio Ficino e Giordano Bruno a transformaram em fundamento da *magia naturalis*.²⁰ Foi esse mesmo princípio que os ocultistas do Séc. XIX — Lévi, Papus, De Guaita — rebatizaram como *luz astral*, e que na Quimbanda reaparece como o *corpo* do Chefe Império Maioral. Em todas essas tradições, o que

¹⁶ Wouter J. Hanegraaff. WESTERN ESOTERICISM: A GUIDE FOR THE PERPLEXED. Bloom Sbury, 2013, pp. 106.

¹⁷ Diôgenes Laércio. VIDAS E DOURINAS DOS FILÓSOFOS ILUSTRES. Livro IX. Madamu, 2024. Ver também A.A. Long. HELLENISTIC PHILOSOPHY. University of California Press, 1986, pp. 158–162.

¹⁸ Diôgenes Laércio. VIDAS E DOURINAS DOS FILÓSOFOS ILUSTRES. Livro VII. Madamu, 2004.

¹⁹ Gregory Shaw. THEURGY AND THE SOUL: THE NEOPLATONISM OF IAMBlichus. Angelico Press, 1995, pp. 72–78.

²⁰ D.P. Walker. SPIRITUAL AND DEMONIC MAGIC FROM FICINO TO CAMPANELLA. The Pennsylvania State University Press, 2003, pp. 25–39.

se mantém é o mesmo eixo: a convicção de que a realidade é tecida por relações de simpatia e antipatia, e que compreender essas relações é possuir a chave da ação mágica. Jâmblico diz:

É mais prudente, portanto, buscar a causa subjacente à eficácia dos sacrifícios na simpatia, afinidade e interconexão que unem os criadores às suas criações e os geradores aos seus deuses descendentes. Quando, sob a orientação deste princípio comum, compreendemos que um animal ou planta que cresce na terra mantém de forma pura e simples a intenção de seu criador, então, por seu intermédio, acionamos de maneira apropriada a causa criadora que, sem comprometer sua pureza, governa essa entidade. Da a multiplicidade dessas relações, algumas com fontes imediatas de influência, como no caso dos *daimones*, enquanto outras ascendem além dessas, com causas divinas, e ainda mais acima, existe a Causa única e eminentíssima — todos esses níveis de causas são ativados pela execução de um sacrifício perfeito; cada nível de causa está associado ao sacrifício de acordo com o grau a ele atribuído. Por outro lado, se o sacrifício é imperfeito, sua influência alcança somente certo nível, sem progredir além.²¹

A passagem de Jâmblico resume de modo admirável o núcleo ontológico da doutrina da simpatia: todo ato sacrificial eficaz depende da afinidade simbólica entre o ofertante, o oferecido e a divindade invocada. Em termos simples, *semelhante atrai semelhante*. Quando Jâmblico afirma que *um animal ou planta mantém a intenção de seu criador* e que, *por seu intermédio, acionamos a causa criadora*, ele descreve a operação da magia simpática como um movimento vertical de reenlace entre os níveis do ser — o humano, o *daemônico* e o divino.²² O sacrifício perfeito, nesse contexto, é aquele em que o símbolo torna-se transparente à sua essência: o galo solar e o girassol, por exemplo, participam da natureza luminosa dos deuses e *daimones* solares, assim como as ervas quentes, ácidas ou espinhosas da Quimbanda se alinham dinamicamente às virtudes ardentes e agressivas dos Exus.

Essa concepção de causalidade análoga — em que a *sympatheia* é o elo entre o sensível e o inteligível — constitui o fundamento da teurgia, e é precisamente nesse ponto que a filosofia de Jâmblico toca o coração do Hermetismo alexandrino. Como observei em KALUNGA: TEURGIA & CABALÁ CRIOLA,²³ a teurgia não deve ser lida como um sistema independente do CORPUS HERMETICUM, mas como sua realização ritual: ambos partilham a visão de um Cosmos animado por um princípio intermediário — a *luz divina* — através do qual as almas acendem à origem. Quando Jâmblico exalta Hermes Trismegisto no início e no fim de seu DE MYSTERICIS, ele o faz não por mera deferência literária, mas como reconhecimento de que a teurgia é a dimensão prática da HERMÉTICA: o caminho pelo qual o homem, por meio de símbolos materiais e sacrifícios análogos, realiza a reintegração de sua alma ao Uno.

Assim, o DE MYSTERICIS deve ser compreendido como uma hermenêutica da operação mágica: uma explicação filosófica do porquê o rito funciona.²⁴ O sacrifício, longe de ser uma oferta propiciatória apenas, é o instrumento pelo qual o *logos* humano se insere na linguagem do Cosmos. Ao agir sobre os corpos — plantas, animais, pedras, essências — o teurgo movimenta as potências divinas que os habitam, reproduzindo, em escala ritual, a própria dinâmica da criação.²⁵ Essa é também a

²¹ Jâmblico. DE MYSTERIIS. Livro V, Verso 9. Polar, 2024, pp. 283.

²² Jâmblico. DE MYSTERIIS. Livro II, Verso 11. Polar, 2024, pp. 188-190.

²³ No prelo. A ser publicada em breve.

²⁴ P.D. Newman. THEURGY: THEORY AND PRACTICE. Inner Traditions, 2023, pp. 79.

²⁵ Sobre a causalidade analógica e o uso dos símbolos materiais na teurgia, ver Wouter J. Hanegraaff. HERMETIC SPIRITUALITY AND THE HISTORICAL IMAGINATION: ALTERED STATES OF KNOWLEDGE IN LATE ANTIQUITY. Cambridge University Press, 2022, pp. 183-190.

lógica operante na Quimbanda: as oferendas não são meros tributos, mas veículos de ressonância, capazes de traduzir o poder invisível em ato visível. A teurgia de Jâmblico e a feitiçaria da Quimbanda convergem, portanto, no mesmo princípio universal — o de que a divindade responde àquilo que dela participa.

Na HERMÉTICA os relatos mais completos acerca da *doutrina da simpatia* estão no CORPUS HERMETICUM (*Livro XVI*) e no LOGOS TELEIOS (também conhecido como *Asclépio latino*). Segue um resumo:

Deus é um e o criador de todas as coisas, que continuam a depender de Deus como elementos de uma hierarquia. Em segundo lugar nesta hierarquia, depois do próprio Deus, vem o mundo inteligível e, em seguida, o mundo sensível. Os poderes criativos e benéficos de Deus fluem através dos reinos inteligíveis e sensíveis até o sol, que é o demiurgo em torno do qual giram as oito esferas das estrelas fixas, os planetas e a terra. Destas esferas dependem os *daimones* e deles depende o homem, que é um microcosmo da criação. Assim, tudo é parte de Deus, e Deus está em tudo, e sua atividade criativa continuando incessantemente. Todas as coisas são uma só²⁶ e o pleroma do ser é indestrutível.

Os poderes divinos que unem esta estrutura são às vezes chamados de *energias*, e que também podem ser chamadas de *luz*.²⁷ Essas energias derivam do sol, dos planetas e das estrelas, e elas operam em todos os corpos, sejam imortais ou mortais, animados ou inanimados. São elas que causam crescimento, decadência e sensação; e elas também são a origem das artes e das ciências e de todas as outras atividades humanas.

Ao estabelecer conjuntos de *correspondências simpáticas*, ou *cadeias de conexões simpáticas*, os hermetistas mantêm afinidades entre as áreas mais díspares do reino natural, de modo que cada animal, planta, mineral ou mesmo parte do corpo humano corresponde a um planeta específico ou a uma deidade, e podem ser usados para influenciar mudança no reino da geração, desde que os elementos de uma *cadeia simpática* sejam mutuamente solidários, de modo que os diferentes procedimentos e fórmulas corretas sejam conhecidas.

Quanto aos *daimones*, eles são simplesmente personificações dessas *energias simpáticas*, e podem ser bons ou maus, mas são emanações, não possuindo corpo nem alma.²⁸ O seu efeito sobre os seres humanos é ainda mais insidioso por isso. Eles penetram até o âmago do corpo e tentam submeter o homem à sua vontade. Esta, expressa figurativamente, é a doutrina crucial do destino (*fatum*), e que desempenhou um papel tão importante na consciência do homem da Antiguidade tardia. A HERMÉTICA estabelece estreita ligação entre o destino e as estrelas, pois era do conhecimento dos hermetistas que todas as forças e energias de que acabamos de falar, e às quais toda a criação sublunar estava sujeita, derivavam diretamente dos corpos celestes. A *derrubada de reis, a insurreição de cidades, fomes, pragas, as flutuações repentinhas do mar e terremotos, nada disso ocorre... sem a ação dos decanatos*.²⁹ Em suma, a compreensão dos hermetistas sobre a *simpatia* estava intimamente ligada à sua *demonologia* e *astrologia*; e está também subjacente à espiritualidade filosófica do hermetismo posterior, com a sua insistência na necessidade de a alma

²⁶ Veja CORPUS HERMETICUM, XII: 8; XIII:17-18; XVI:3.

²⁷ Veja CORPUS HERMETICUM, XVI: 5; LOGOS TELEIOS, 19.

²⁸ Veja CORPUS HERMETICUM, XII: 21; XVI:10-16.

²⁹ Veja CORPUS HERMETICUM, XVI: 17-18; LOGOS TELEIOS, 3.

transcender o destino³⁰ antes de poder unir-se a Deus. Jake Stratton-Kent resume da seguinte maneira:

O Universo, de acordo com a doutrina da *simpatia*, é uma unidade. Os gregos reconheceram que este ser [Universo-Um] era composto de partes, sejam elas denominadas elementos, princípios ou raízes. Todas as coisas dentro do Um eram compostas de diferentes combinações dessas raízes, sejam elas números, deuses, animais, plantas ou pedras, lugares, climas ou qualquer coisa, sua essência era definida por essas qualidades inerentes. Além disso, na medida em que quaisquer duas coisas se assemelhavam através de qualidades partilhadas, elas eram atrativas uma para a outra, independentemente das suas posições relativas no espaço. Isto é afirmado claramente tanto por Plotino quanto por Jâmblico: *o Universo é um ser, suas partes separadas pelo espaço, mas através da posse de uma natureza [as partes] são rapidamente unidas em atração uma pela outra.*³¹

Esta concepção foi originalmente baseada nos quatro elementos e nos princípios da atração e repulsão, dependentes de qualidades semelhantes e diferentes. Esses quatro elementos não devem ser confundidos com as noções modernas pelas quais são entendidos; é mais fácil compreendê-los como *estados de matéria*. Assim, a terra não se parece apenas com solo, mas com as qualidades inerentes dos *sólidos*; a água, de igual modo, com as qualidades inerentes dos *líquidos*; o ar com os *gases* e o fogo com os *plasmas*.

Os elementos representavam, portanto, a experiência subjetiva de uma determinada coisa, suas características e comportamento, ao invés de seus constituintes químicos objetivos. Com o passar do tempo essa classificação foi sistematizada: o fogo é quente e seco; a terra é seca e fria; a água é fria e úmida; o ar é quente e úmido. O fogo, portanto, compartilha a qualidade do calor com o ar, e a qualidade da secura com a terra. Por falta de qualquer qualidade compartilhada, o fogo é antipático à água.

Assim, as oferendas e sacrifícios da teurgia (e religião grega de modo geral), incluíam materiais simpáticos aos deuses e *daimones* na intenção de atraí-los com eficiência. Jâmblico diz:

Para cada parcela que compõe o cosmos, há, de um lado, o corpo manifesto que vislumbramos e, de outro, as múltiplas forças incorpóreas que se associam a tais corpos. À luz dessa concepção, o sagrado culto teúrgico guia-se pelo princípio de sacrificar de acordo com a relação do semelhante com o semelhante, estendendo esse critério do ápice até o nível mais ínfimo, [...] concedendo a cada uma a oferenda que esteja em harmonia com sua própria natureza.³²

E novamente:

Alicerçando-se nessa constatação, bem como descobrindo, por meio das propriedades de cada um dos deuses, os receptáculos que lhes são apropriados, a arte teúrgica reúne, em muitos casos, pedras, plantas, animais, substâncias aromáticas e inúmeras outras criaturas sagradas, perfeitas e divinas, e com tudo isso, forma um receptáculo integral

³⁰ Veja KALUNGA: TEURGIA & CABALÁ CRIOLA. *No prelo*.

³¹ Jake Stratton-Kent. GEOSOPHIA: THE ARGO OF MAGIC. Scarlet Imprint, 2010, Vol. II., pp. 35.

³² Jâmblico. DE MYSTERIIS. *Livro V, Verso 20*. Polar, 2024, pp. 299.

puro. Portanto, não é correto recusar e desprezar toda matéria, mas apenas àquela que é estranha e desvinculada dos deuses.³³

No que concerne a teurgia – que influenciou o pensamento ocultista da magia ocidental a partir do Medievo e Renascimento – a *simpatia* trata-se do elo mediador através do qual naturezas semelhantes se atraem, posto que Proclo (412-485 d.C.) diz:

Os especialistas nos assuntos sagrados, começando com a Simpatia conectando as coisas visíveis umas com as outras e com os Poderes Invisíveis, e tendo um entendimento de que todas as coisas podem ser encontradas em todas as coisas, estabeleceram a Ciência Sagrada. [...] Em suma, os homens sábios da antiguidade trouxeram, juntos, [...] os Poderes Divinos para esse lugar mortal, tendo-os atraído pela Similaridade: pois a Similaridade é poderosa, permitindo unir as coisas umas às outras. Por exemplo, se um pavio que foi aquecido de antemão é colocado sob uma lamparina, não muito longe da chama, você perceberá isso acendendo mesmo sem ser tocado pela chama, pois a transmissão da chama ocorre para baixo. Por analogia, você pode considerar que o calor já existente no pavio corresponde à Simpatia entre as coisas, e isso sendo trazido e colocado abaixo da chama corresponde à Arte Sagrada fazendo uso de coisas materiais no momento certo e da maneira correta. A transmissão da chama é como a presença da Luz Divina com aqueles capacitados a participarem dela e a iluminação do pavio é análoga tanto da deificação dos mortais quanto da iluminação de substâncias materiais.³⁴

Ruan Carlos de Sena sumariza assim:

Dentre os variados símbolos materiais que compõem a cadeia (*seirai*) solar, encontram-se exemplares notáveis, tais como a pedra-do-sol, a flor de lótus, o girassol, além de penas de galo e outras representações. Com efeito, a pedra-do-sol exibe de maneira majestosa a reverberação dos raios solares emanados pelo fulgurante astro-rei, ao passo que a flor de lótus, desvelando-se em graciosos desdobramentos e recolhimentos de suas pétalas, compõe, solenemente, hinos de louvor ao Sol, tal qual o galo, em todas as auroras, entoa cânticos e odes à entidade solar. Por outro lado, dentre os símbolos que emanam uma aura lunar, o destaque é, certamente, conferido à selenita, a certas ervas e, quiçá, ao próprio sangue menstrual. Pois, como proclama Proclo, a selenita, ao sabor das fases lunares, altera «tanto suas marcações quanto suas formas e padrões», alinhando-se com os ritmos cósmicos da lua. Acresce ainda mencionar que as seivas de determinadas ervas sucumbem, inegavelmente, à util influência gravitacional exercida pela lua, ensejando, dessa forma, uma seleção mais criteriosa de variedades particularmente aptas ao cultivo durante o período de lua crescente. E, ademais, os ciclos menstruais, ainda que desprovidos de uma conexão causal direta com os ciclos lunares, manifestam-se de forma análoga às ciclicidades da lua.³⁵

³³ Jâmblico. DE MYSTERICI. *Livro V, Verso 23.* Polar, 2024, pp. 305. Essa passagem é uma referência de Jâmblico a *telestikē*, i.e. o feitiço e consagração das *estátuas animadas*. O tema central da minha ontologia KALUNGA: TEURGIA & CABALÁ CRIOLA (*no prelo*) é a universalidade das técnicas de magia e feitiçaria, onde estabeleço relações entre a *telestikē* da HERMÉTICA e teurgia platônica, com as tecnologias mágicas de *firmezas* e *assentamentos* da Quimbanda. A *doutrina da simpatia* é fundamental em ambos os casos, de modo que seu desconhecimento invalida todo o processo mágico de feitiço e consagração tanto das *estátuas animadas* da teurgia quanto das *firmezas* e *assentamentos* da Quimbanda.

³⁴ Proclo. *Sobre a arte hierática.* Citação em: Jâmblico. DE MYSTERICI. Polar, 2024, pp. 45.

³⁵ Rua Carlos de Sena. Introdução em: Jâmblico. DE MYSTERICI. Polar, 2024, pp. 47.

Esta aplicação da simpatia, tal como interpretada pelos platônicos teúrgos, deu à magia ocidental a doutrina das correspondências. A classificação elemental original também passou por modificações e novos desenvolvimentos no *Ocultismo* moderno. Ela foi ampliada e diversificada em símbolos planetários e zodiacais. No entanto, o simbolismo elemental ainda é a base das classificações mais complexas, que geralmente podem ser reduzidas a termos mais simples, como é o caso da classificação dos grãos, favas, miúdos, frutas, partes de animais e inúmeros elementos associados aos Gangas da Quimbanda, nas diversas combinações de elementos no feitio dos *padês*.

A manipulação das correntes de *força ódica* na Quimbanda — i.e. das torrentes de forças magnéticas condensadas na *luz astral*, o *corpo* do Chefe Império Maioral — realiza-se por meio dos *agentes mágicos universais*: os elementos, as substâncias e os símbolos que ligam a matéria ao espírito. O termo *força ódica*, formulado pelo barão Karl von Reichenbach (1788–1869), designa a vibração invisível que permeia todos os corpos e os mantém em interdependência magnética. Essa ideia prolonga as experiências de Franz Anton Mesmer (1734–1815) sobre o *magnetismo animal*, convertendo-as em um modelo de vitalismo científico que, no Séc. XIX, forneceu ao *Ocultismo* moderno a linguagem da *energia mágica*. Éliphas Lévi, reinterpretando essa doutrina à luz do hermeticismo, descreveu a *força ódica* como corrente polarizada que circula na *luz astral*, identificando-a à antiga *anima mundi* de Platão. No Brasil, Aluísio Fontenelle (1913-1952) incorporou esse conceito à estrutura da Quimbanda, explicando a eficácia dos rituais como resultante da manipulação equilibrada dessas correntes no espaço consagrado — a tronqueira, o chão e o próprio corpo do *kimbanda* —, onde as potências do fogo, da terra, da água e do ar se reencontram em harmonia teúrgica.

A Quimbanda, assim, opera segundo o princípio do *duplo movimento das forças ódicas*: positiva e negativa, ativa e receptiva, masculina e feminina. Essas polaridades se manifestam nas duas *linhas de trabalho* fundamentais do culto: os Exus, expressão da potência ativa e solar, e as Pombagiras, expressão da potência receptiva e lunar. Ambas se equilibram no eixo de Maioral, princípio andrógino que as unifica e governa. Toda operação mágica consiste em restabelecer esse equilíbrio: unir o que está separado, harmonizar o que se opõe. É nesse ponto que a Quimbanda revela sua natureza teúrgica, pois, ao manipular os fluxos das *forças ódicas*, o *kimbanda* participa do próprio movimento criador do Cosmos — tornando-se coautor da obra divina. A magia, nesse sentido, não é transgressão, mas continuidade da criação: um modo de reencontrar no ato ritual humano a ordem do Cosmos.

É na manipulação dessas correntes — o que se chama tradicionalmente de feitiçaria — que se funda o ato mágico. Cada rito é uma condensação simbólica dessas correntes universais de força mágica, dirigidas segundo as leis da correspondência simpática. Como demonstrei em estudos anteriores, o conhecimento e a conversação com o espírito tutelar — o Ganga da Quimbanda — pressupõem quatro etapas fundamentais: i. o estabelecimento da comunicação adequada; ii. o feitio correto das oferendas e sacrifícios; iii. a construção do corpo físico do espírito; iv. a operação da magia conforme sua natureza específica. Essas quatro fases reproduzem a própria estrutura da criação: verbo, forma, corpo e ação. Na seção seguinte, nos deteremos sobre a segunda etapa — o feitio dos *padês* —, onde a doutrina da simpatia, até aqui delineada, encontra sua expressão mais concreta: a arte de compor o microcosmo ritual como espelho do Cosmos.

CONCLUSÃO

A doutrina da simpatia na Quimbanda é a reencarnação afro-crioula de uma ciência antiga: a convicção de que o Cosmos é um corpo vivo e consciente, onde todas as partes se comunicam por ressonância. Desde Parmênides e Empédocles até Plotino e Jâmblico, os filósofos viram na *sympatheia* o tecido secreto do Cosmos — a força que liga o alto ao baixo, o invisível ao visível, o espírito à matéria. Essa mesma concepção sobrevive, transfigurada, na Quimbanda. O *corpo* do Chefe Império Maioral é a expressão moderna da antiga *anima mundi*, a alma do mundo que circula sob a forma de *luz astral* ou *força ódica*. O *àsé* ou *moyo*, na linguagem africana, é a respiração dessa alma universal: o poder que anima, liga/vincula e transforma.

A operação mágica na Quimbanda conserva o princípio teúrgico do *semelhante atrai semelhante*. Cada padê, assentamento ou sacrifício é eficaz porque reflete, em miniatura, a natureza do espírito ou *linha de trabalho* convocada. Como o teurgo platônico que oferecia um galo ao Sol ou um peixe à Lua, o *kimbanda* seleciona pimentas, mel, farinhas e pós conforme as afinidades de cada Ganga, Reino ou *linha de trabalho*. O gesto é idêntico: ativar, por analogia, a corrente que une o humano ao divino. A cozinha do terreiro é, assim, o lugar onde o Cosmos é reproduzido em escala doméstica, onde o fogo de Exu é o mesmo fogo criador que move os astros.

A simpatia é também uma linguagem. Para Avicena, no DE ANIMA, todas as coisas possuem virtudes ocultas que agem à distância por semelhança, como se comunicassem entre si em idioma silencioso. Essa linguagem das formas é o que os árabes chamaram *athār* — as impressões que um corpo deixa no outro. Na Quimbanda, essa mesma gramática é chamada *àsé*: o poder que flui entre as coisas e que o feiticeiro sabe escrever com gestos, cores, sons, sacrifícios e oferendas. O padê é um texto nessa língua energética: farinha e sangue são palavras, fogo e fumo são verbos, o ponto cantado é a sintaxe que dá movimento ao sentido. O operador não fala ao espírito — ele fala com o Cosmos através do espírito, e o Cosmos responde.

Por fim, a simpatia é uma ética cósmica. O sacrifício, seja no templo platônico ou no terreiro da Quimbanda, é a manutenção do equilíbrio entre forças. Nada se faz sem pagamento, porque toda energia desprendida precisa retornar à fonte. O sangue vertido, o vinho derramado, o fumo que se eleva são expressões de uma mesma lei: a de que o Cosmos é sustentado pela troca, e a magia é o gesto consciente dessa reciprocidade. A doutrina da simpatia ensina que o poder não é domínio, mas harmonia; que o verdadeiro mago — o sacerdote ou o feiticeiro — não impõe sua vontade ao mundo, mas o reconduz à ordem perdida. A Quimbanda, nesse sentido, compartilhas das mesmas tecnologias mágico-espirituais da teurgia antiga.

SEÇÃO .II . ESTRUTURA E MONTAGEM DE PADÊS PARA EXUS E POMBAGIRAS

O preparo de padês na Quimbanda é considerado uma *ciência* ou um *sistema* completo de magia. Em outras palavras, os padês são utilizados como *ofertas-feitiços* de modo que através deles é possível unir ou separar pessoas, abrir ou fechar caminhos, superar a procrastinação através do vigor potente da vontade ou afundar profundamente em obsessão, letargia e preguiça. Como exemplo, abaixo segue três receitas de padês para *linha de trabalho* de Exu Marabá do Reino das Almas.

Exu Marabá é uma deidade de poder lunar e natureza profundamente ctônica, associada ao Reino das Almas e às correntes mágicas ligadas aos poderes da mente, à loucura e à sombra. Seu nome, derivado do tupi-guarani *Mayrã-Abá* — *Filho da Guerra ou Homem da Luta* — e traduz o arquétipo do espírito que emerge da marginalidade e da rejeição, representando o homem que sobrevive às fraturas da alma. Na *Cova de Cipriano Feiticeiro*, Exu Marabá não é tratado como um Exu de demanda comum, mas como um *espírito médico da psique*, senhor das enfermidades e curas mentais, dos vícios, dos delírios e das potências visionárias. A ele pertencem os mistérios da imaginação, da inspiração e do desvario; por isso, trabalha nos limites entre a sanidade e o êxtase, entre o remédio e o veneno. É regido pela Lua, cuja força inflama a mente e desperta o inconsciente; nas noites de Lua Cheia, seus campos de ação se ampliam, tornando-o perigoso a quem o invoca sem fundamento. Embora sua força mágica possa ser dirigida para a proteção e a cura, é também capaz de induzir o caos e a obsessão — o que explica seu caráter ambivalente e temido. Assim, Exu Marabá é, no Reino das Almas, o senhor das fronteiras mentais e emocionais, o iniciador das profundezas da mente humana: aquele que conhece o limite entre o delírio e a revelação.³⁶

Padê de purificação e defesa psíquica

Finalidade: dissipar tormentos mentais, neutralizar obsessões e restaurar o equilíbrio emocional.

Base:

- Farinha de mandioca (*Manihot esculenta*) – solidez e firmeza.
- Dendê (*Elaeis guineensis*) – apaziguamento e clareza mental.
- Cebola roxa picada (*Allium cepa*) – clareza e purificação.
- Carvão ralado (*Carbo ligni*) – absorção de Exus irados que atrapalham as funções mentais.
- Pimenta-do-reino (*Piper nigrum*) – dinamização e queima de obsessões.
- 9 búzios brancos (para vincular a força de cura das almas).
- Efum em pó por cima de tudo.

Forração: folhas de guiné (*Petiveria alliacea*) e eucalipto (*Eucalyptus globulus*) — defesa e desobstrução mental.

Fundamento mágico: este padê purifica o campo psíquico e restabelece o controle racional sobre as emoções, queimando obsessões e estabilizando as forças da mente (vontade).

Padê de equilíbrio e cura mental

Finalidade: restaurar lucidez, foco e serenidade, trazendo cura emocional e clareza de pensamento.

Base:

- Farinha de milho branco (*Zea mays*) – calma e introspecção.
- Dendê (*Elaeis guineensis*) – calma, apaziguamento, esfriamento.
- Coração e fígado de galinha picados – vitalidade e filtragem.
- Gengibre ralado (*Zingiber officinale*) – estímulo e vigor mental.
- Melado de cana (*Saccharum officinarum*) – dulcificação e estabilidade emocional.
- 9 grãos de feijão preto (*Phaseolus vulgaris*) – força mental e combate interior.

³⁶ Táta Kilumbu. O LIVRO DOS ESPÍRITOS GANGA DA QUIMBANDA NÀGÔ. *No prelo*.

Forração: folhas de hortelã (*Mentha × piperita*) e alfazema (*Lavandula angustifolia*) — frescor e serenidade.

Fundamento mágico: este padê equilibra a mente e o coração, estabiliza as forças da mente e protege contra colapsos emocionais e psíquicos.

Padê do Cruzeiro das Marés

Finalidade: conectar a mente consciente ao inconsciente e favorecer a paranormalidade, a divinação e a possessão através do domínio das marés astrais.

Base:

- Farinha de milho amarela (*Zea mays*) – abertura de caminhos.
- Azeite de oliva (*Olea europaea*) – estabilidade, clareza e lucidez.
- Cebola branca picada (*Allium cepa*) – clareza e revelação.
- Mel (*Apis mellifera*) – docura e equilíbrio.
- Pimenta calabresa – movimento, vigor, atividade.
- 9 búzios africanos (*Cypraea moneta*) – comunicação entre os planos.

Forração: folhas de jasmim (*Jasminum officinale*) e lavanda (*Lavandula angustifolia*) — inspiração e paz mental.

Fundamento mágico: este padê ancora a consciência no Cruzeiro das Almas, harmonizando mente e espírito; desperta a intuição e promove domínio emocional.

Esses três padês estão alinhados simpaticamente à *linha de trabalho* de Exu Marabá porque refletem as três dimensões principais de sua atuação no Reino das Almas: *purificação, equilíbrio e travessia psíquica*. O primeiro, de *purificação e defesa psíquica*, lida com o aspecto apolíneo de Marabá — o exorcista das sombras mentais e das forças que provocam obsessão e desordem; ele estabiliza a mente e restabelece o domínio da vontade. O segundo, de *equilíbrio e cura mental*, manifesta o princípio médico de sua função lunar: a restauração da lucidez e da serenidade, o tratamento das feridas da alma, a filtragem das emoções, unindo firmeza saturnina e frescor mercurial. O terceiro, o *Padê do Cruzeiro das Marés*, expressa sua face oracular e mística — o Marabá das correntes parapsíquicas e da paranormalidade, que atua como psicopompo entre consciência e inconsciente, guiando o *kimbanda* pelas marés da mente e pelos caminhos do Cruzeiro das Almas. Juntos, esses três padês constituem uma tríade simbólica de Marabá: o médico, o guerreiro e o navegante lunar — o espirito que domina os mistérios da psique, purificando, equilibrando e conduzindo o *kimbanda* através dos abismos da própria consciência.

Essa tríade de padês dedicados a Exu Marabá evidencia a aplicação da doutrina das correspondências simpáticas que estrutura toda a magia da Quimbanda. Cada composição culinária reproduz, em escala ritual, as mesmas leis universais que regem o movimento dos astros e a interação dos elementos. Assim como o Cosmos é sustentado pela harmonia entre fogo, terra, água e ar, o feitio do padê combina substâncias que simbolizam e condensam essas forças, gerando um microcosmo coerente com o macrocosmo, a oferenda. No caso dos padês de Marabá, as propriedades dos elementos — o carvão saturnino que absorve, a farinha terrestre que fixa etc. — refletem, em chave teúrgica, as dimensões de purificação, equilíbrio e travessia psíquica que definem a própria natureza lunar e mental desse Exu. A magia, aqui, é técnica e sacrifício, ciência e comunhão.

Como sistema de magia, os padês condensam, em forma culinária e teúrgica, a doutrina das correspondências simpáticas herdada da Antiguidade e reconfigurada

no caldeirão de miscigenação cultural do Brasil. Cozinhar para Exu é manipular a mesma dinâmica que rege o Cosmos: a interação entre forças elementais, astrais e anímicas. O padê é um ponto onde a teurgia se torna cozinha e a filosofia natural se transforma em alimento.

Antropologicamente, o padê é um *fato social total*, como diria Marcel Mauss,³⁷ pois nele convergem os aspectos materiais, espirituais e simbólicos da vida. Ele é o lugar onde se trocam energias, não apenas substâncias: o alimento consagrado é um mediador de fluxos entre vivos e mortos, entre o homem e o Cosmos. Entre os bantos e os *yorùbás*, a oferenda alimentar é a forma mais direta de restaurar o equilíbrio universal: *toda força que se desprende deve ser compensada*.³⁸ A Quimbanda conserva essa lógica e a transforma em sistema técnico: cada padê é uma equação energética, uma máquina simbólica de redistribuição de *àṣẹ*. Por isso, compreender sua estrutura é compreender a própria metafísica do poder.

Na perspectiva teúrgica, o padê é um talismã vivo e em movimento. Os grimórios árabes — notadamente o *KITĀB AL-BULHĀN* do Séc. XIV — descrevem sete raios de influência cósmica, correspondentes aos sete planetas clássicos: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua. Cada raio é um campo vibratório que une o celeste ao terreno, articulado por espíritos intermediários. Essa ciência, chamada de *'ilm al-awfāq* (ciência das harmonias), ensina que cada talismã deve reproduzir, por meio da forma, da cor e da matéria, a *qualidade* específica de um raio planetário. Na Quimbanda, essa estrutura é reconfigurada na confecção de patuás, talismãs e pantacléias, mas também na estrutura dos padês: os elementos que compõem um padê, suas cores e texturas, são dispostos segundo a natureza dos Reinos da Quimbanda, seus Povos ou Legiões específicas, com suas atribuições astrais *territorializadas*.

A doutrina dos raios planetários provém da tradição mágico-astrológica árabe e hermética, segundo a qual o Cosmos é atravessado por sete correntes de força — *anwār kawākibiyya* — que emanam dos planetas clássicos. Esses raios são compreendidos como vibrações sutis que ordenam a natureza e a alma, influenciando tanto os ciclos da Natureza quanto os estados da mente. Cada planeta governa uma qualidade essencial: o Sol irradia vitalidade e consciência; a Lua inspira imaginação e emoção; Mercúrio regula a mente e a comunicação; Vênus harmoniza e atrai; Marte incita o impulso e a coragem; Júpiter amplia e fecunda; Saturno estrutura e limita. Essas energias atravessam os éteres mineral, vegetal e animal, que compreendem os Reinos da Quimbanda, plasmando temperamentos, humores e ritmos biológicos. A psique humana responde a essas emanações por ressonância: quando a alma vibra em harmonia com um raio, experimenta equilíbrio; quando em dissonância, surge a doença, o conflito ou a obsessão.

Na Quimbanda, essa antiga ciência é atualizada e territorializada, transformando-se em uma *tecnologia afro-crioula dos raios*. Em vez de abandonar os símbolos clássicos, ela os amplia: os metais planetários continuam presentes nos assentamentos, patuás e pantacléias — ferro de Marte, cobre de Vênus, mercúrio simbólico das encruzilhadas, chumbo de Saturno, ouro do Sol —, mas são combinados a elementos vivos (ervas, farinhas, frutas, sanguessugas e líquidos) que expressam, de modo mais orgânico, a virtude ctoniana dos planetas no corpo da terra. O padê, nesse contexto, é o ponto de convergência dessas forças: um *talismã vivo*, onde as virtudes minerais se unem às potências vegetais e animais, reproduzindo no plano físico a

³⁷ Marceu Mauss. SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA. Ubu, 2017, pp. 56-72.

³⁸ Pierre Verger, *op. cit.*

harmonia das esferas. Cada mistura é um *microcosmo vibracional*, uma fórmula que encarna, na matéria, as virtudes de um raio planetário.

A Quimbanda traduz, portanto, a ciência dos raios em uma prática empírica e teúrgica: o *raio-reino* é ativado pela combinação precisa de substâncias simpáticas — minerais, vegetais e animais — que, dispostas conforme o princípio da correspondência, estabelecem no chão as potências celestes. Assim, os raios não são mais abstrações astrais, mas forças concretas manipuladas pela mão do sacerdote, cuja função é alinhar o corpo da oferenda ao corpo do Cosmos. Essa é a singularidade da goécia afro-brasileira: *operar o céu pela terra*, fazendo do rito uma ciência prática da *luz astral*.

Nesse caminho, o mapeamento dos sete raios planetários aos Nove Reinos da Quimbanda permite traduzir essas relações astrológicas em gramática ritual: no Reino das Almas e no Reino da Terra, o raio de Saturno manifesta-se em chaves distintas: no primeiro, como fechamento ctônico (memória, passagem, silêncio); no segundo, como Saturno construtivo (estrutura, disciplina, duração). O raio de Júpiter expande e legitima no Reino das Matas (abundância, cura, lei natural); o raio de Marte arma o Reino das Trevas (imposição, corte, fogo) — assinatura de ataque e domínio. O Sol, centro do Reino Africano, irradia vitalidade e dignidade; Vênus governa o Reino do Oriente (atração, comércio, cura, refinamento) e co-governa o Reino da Lira (prazer); Mercúrio rege o Reino das Encruzilhadas (trânsito, fala mágica) e co-governa o Reino da Lira (movimento); por fim, a Lua domina o Reino das Águas (nutrição, fluxo, purificação).³⁹ Assim, o que nos manuais árabes se descrevia como *esferas astrais* torna-se, na Quimbanda, cartografia ctônica de Reinos e *linhas de trabalho*, operacionalizada no feitio de talismãs, amuletos, pantacréias, padês etc., conforme as necessidades.

No ensaio anterior sobre o desenvolvimento da magia salomônica árabe, mencionei que os padês da Quimbanda são a versão crioula das oferendas astrais do PICATRIX. Esse paralelo permite compreender o padê como a forma crioula e afro-diaspórica de uma ciência antiga: a arte de condensar influências celestes em matéria viva. No tratado árabe, as chamadas *nusk al-kawākib* — oferendas ou sacrifícios planetários — consistiam em comidas, bebidas e fumigações preparadas para cada astro, a fim de atrair suas virtudes e estabelecer uma corrente direta entre o operador e o espírito celeste correspondente.⁴⁰ As resinas, os vinhos, os animais e as cores

³⁹ Embora a Lua esteja aqui associada sugestivamente ao Reino das Águas, ela também pode ser legitimamente atribuída ao Reino das Almas, pois ambos compartilham a mesma natureza fluida, receptiva e mediadora entre os mundos. No simbolismo teúrgico, a Lua é o espelho da luz solar — não gera a própria luz, mas reflete e filtra as emanações do Sol, convertendo-as em potência psíquica, imaginação e memória. Essa função intermediária é a mesma exercida pelo Reino das Almas na cosmologia da Quimbanda: o espaço-limiar onde a energia vital (*àṣe*) dos vivos se reflete no plano dos mortos e retorna, transformada, como sabedoria ancestral. Assim como a Lua regula as marés oceânicas, também governa as *marés espirituais*, os movimentos rítmicos da alma e da memória, as oscilações entre consciência e esquecimento, vida e morte. O aspecto ctônico da Lua — o *fundo do espelho* — manifesta-se, portanto, no Reino das Almas como princípio de passagem e de retorno: o ciclo lunar traduz-se, na Quimbanda, como ciclo da reencarnação, da memória e da travessia do espírito.

Por isso, Exu Marabá, cujo magnetismo é explicitamente lunar, pode operar simultaneamente sob os influxos do Reino das Águas e do Reino das Almas. Sua natureza híbrida — psíquica e emocional — reflete a dupla face da Lua: de um lado, a oscilação das marés internas (emoções, instintos, desejos); de outro, a evocação das profundezas inconscientes (sonhos, loucura, inspiração). No Reino das Águas, Marabá manifesta sua força nas correntes mentais e afetivas, atuando sobre o inconsciente coletivo, a imaginação e a inspiração; no Reino das Almas, ele atua como psicopompo e curador, conduzindo a mente através dos estados limítrofes da consciência. Essa ambiguidade é o cerne de seu poder: sendo lunar, ele é ao mesmo tempo reflexo e abismo, espelho e maré, capaz de curar ou enlouquecer, de esclarecer ou confundir — conforme o rito, o tempo e a mão que o manipula.

⁴⁰ David Pingree. PICATRIX: A MEDIEVAL TREATISE ON ASTRAL MAGIC. Pennsylvania State University Press, 2019, pp. 172-177.

eram escolhidos segundo a harmonia dos sete planetas clássicos, e dispostos sobre altares que representavam o corpo da Terra em ressonância com o corpo do Céu. Era essa a mecânica antiga por trás da estrutura de uso do círculo mágico, a produção de pantáculos, talismãs e tecnologias mágicas diversas. O mesmo princípio está na Quimbanda: o padê é uma oferenda em que a luz dos planetas se traduz em virtudes ctônianas — a farinha como a terra dos fundamentos, o fumo como Mercúrio, o sangue como Marte, o mel e as frutas como Vênus etc. Em ambos os sistemas, a oferenda é um talismã vivo, um corpo material preparado para servir de receptáculo às influências invisíveis. Se o PICATRIX ensinava a fixar os influxos astrais em metais, óleos e aromas, a Quimbanda os fixa em elementos diversos que, além destes, compõem os padês; e é essa transposição — do metal para o alimento, do altar de pedra ao chão do terreiro — que marca a genialidade crioula do padê: a transformação das *oferendas astrais* em cozinha teúrgica.

Essa tradução simbólica da ciência dos raios para a prática afro-brasileira encontra eco no pensamento de Avicena (Ibn Sīnā, 980–1037). Em sua filosofia da natureza, especialmente no *DE ANIMA* e no *LIBER CANONIS MEDICINAE*, Avicena descreve a existência de *virtudes ocultas* (*al-quwā al-khafiyya*) — propriedades latentes das substâncias que operam por semelhança e afinidade, produzindo efeitos à distância. O magnetismo, o perfume, a cor, a música e o verbo agem, segundo ele, por *impressions formais* (*athār*) que se transmitem de um corpo a outro. Essa é a mesma lógica pela qual o padê funciona: seus elementos, dotados de virtudes ocultas, comunicam entre si forças específicas, e o feiticeiro é aquele que conhece a proporção exata das misturas. A magia, dizia Avicena, é o *conhecimento das correspondências entre as formas celestes e as substâncias terrestres*.⁴¹

Avicena formulou, em sua *filosofia da natureza*, uma teoria das quatro virtudes ou modos de operação das forças — *naturalis*, *celestis*, *spiritualis* e *divina* — que buscava explicar como o poder se transmite de uma substância a outra e como as causas ocultas operam através das hierarquias do ser. Essa doutrina, que influenciou tanto o hermetismo latino quanto a magia renascentista, oferece uma chave notável para compreender o funcionamento da magia na Quimbanda. Nela, a ação espiritual não é uma metáfora ou superstição, mas um fenômeno real de comunicação entre planos: a matéria é veículo do espírito, e o espírito é a forma invisível da matéria.

A primeira categoria, *virtus naturalis*, é a força imanente contida em cada corpo. É o princípio elementar da física antiga: o calor, o frio, a secura, a umidade, a densidade e o movimento. Trata-se da potência ativa ou passiva que cada substância possui em razão de sua composição. O fogo queima porque é quente e seco; a água purifica porque é fria e úmida; a erva cura porque seu equilíbrio interno reproduz a harmonia do corpo humano. Na Quimbanda, essa virtude corresponde ao plano mais denso e tangível da magia — o dos ingredientes do padê. Cada farinha, líquido, folha, raiz ou mineral é escolhido por seu comportamento físico e pela maneira como reage às demais substâncias. O dendê esfria e acalma; o carvão filtra e absorve; o sal seca e fixa; o mel suaviza e amalgama. Trabalhar no nível *naturalis* é dominar a técnica da composição, i.e. saber como a natureza responde ao gesto humano.

A segunda categoria, *virtus celestis*, diz respeito à influência dos corpos celestes sobre os seres e as matérias do mundo sublunar. Para Avicena, as estrelas e planetas são intermediários entre a causa primeira e os efeitos naturais: eles modulam os ritmos da vida, regulam os humores e infundem nas substâncias terrestres suas

⁴¹ Avicena. *O LIVRO DA ALMA*. Globo Livros, 2007, pp. 103.

qualidades formais.⁴² Essa ação ocorre por *raios*, i.e. por vibrações sutis de luz e movimento que atravessam a matéria sem destruir sua forma. A Quimbanda herda e renova essa concepção através da ciência dos raios planetários, na qual cada padê, assentamento ou talismã é elaborado de acordo com a correspondência entre o Reino e o astro que o governa. O raio de Marte anima as demandas e feitiços de guerra; o de Saturno rege as práticas de ancestralidade e fechamento; o de Vênus comanda os encantamentos de amor e prazer; o da Lua governa as águas e a mente; o do Sol sustenta a vitalidade e o poder. Ao determinar o momento astrológico de uma operação mágica, a qualidade, cor e a textura dos elementos, o *kimbanda* está aplicando, de modo empírico, a *virtus celestis*: ele transforma o padê em um espelho do céu.

A terceira categoria, *virtus spiritualis*, é a energia do espírito animado — o poder da alma racional de mover o corpo e influenciar outras almas por meio da vontade, da palavra e da imaginação. Avicena afirma que o pensamento tem força causal: a imagem mental imprime uma forma no mundo invisível, e essa forma repercuta sobre o mundo sensível. Essa teoria explica a eficácia do verbo e do símbolo na magia. A Quimbanda manifesta essa virtude na prática do ponto cantado e riscado, que converte a intenção em som e grafia. O cântico, o sopro e o risco da pemba são modos de *gravar* a forma mental no plano espiritual, tal como o mago árabe inscrevia palavras sagradas em talismãs metálicos. Aqui, a força não vem do ingrediente, mas da consciência do operador — o *moyo* que anima a substância. O padê, nesse nível, é tanto alimento do espírito quanto extensão da mente do *kimbanda*: uma forma material habitada por uma ideia viva. Trata-se do exercício pleno do *àṣé* pessoal do *kimbanda*.

A quarta e mais elevada categoria, *virtus divina*, é a ação imediata do Intelecto universal — a operação do divino no mundo, quando a vontade humana se alinha perfeitamente ao Cosmos. Nesse estado, o operador não age mais por desejo pessoal, mas como instrumento da harmonia universal. Na Quimbanda, essa virtude corresponde à prática da piedade: quando o rito é realizado com fundamento e pureza de intenção; as obrigações são mantidas com disciplina e comprometimento; e a voz do Exu tutelar é colocada em prática nas ações do *kimbanda*. Só é Quimbanda, de fato, quando o fogo que consome, o sangue que anima, o fumo que eleva e o som que vibra são manifestações da presença real do Chefe Império Maioral, o Diabo, a força androgina que contém todos os raios e governa todos os Reinos. Nesse grau de aprofundamento, a operação não é mais sobre a manipulação de vetores de força, mas um *sabbath* mágico: o *kimbanda* e o espírito tutelar agem em uníssono, operando na *alma do mundo*, o *corpo* de Maioral.

Essas quatro categorias não são degraus separados, mas níveis interligados da mesma realidade, que a Quimbanda atualiza em sua própria linguagem ritual. A *virtus naturalis* se manifesta nos elementos constitutivos do padê; a *celestis*, nas correspondências planetárias associadas aos Reinos e suas *linhas de trabalho*; a *spiritualis*, na intenção, no canto e na palavra de poder do *kimbanda*; e a *divina*, na teurgia que une homem e divindade, o *kimbanda* e seu Exu tutelar. Em cada oferenda, essas virtudes se interpenetram, formando uma cadeia contínua entre o homem e o Cosmos. O *kimbanda*, ao confeccionar o padê, refaz esse arco de ascensão: começa com a manipulação da matéria, passando pelo cálculo das influências astrais, impregna o

⁴² David Pingree. PICATRIX: A MEDIEVAL TEATRISSE ON ASTRAL MAGIC. Pennsylvania State University Press, 2019, pp. 100-112.

rito com sua vontade e magnetismo, seu *àsé* pessoal, para, finalmente, entregar o trabalho à força divina de Maioral.

Em última análise, a Quimbanda traduz o pensamento de Avicena em experiência corporal (estética) e comunitária. Enquanto o filósofo persa descrevia a transmissão das virtudes em termos metafísicos, o *kimbanda* brasileiro as realiza na prática — através da mistura, do canto, do fogo e da oferenda. O padê é a *filosofia encarnada*: nele, as virtudes *naturais*, *celestes*, *espirituais* e *divinas* se reúnem em um só corpo, transformando a cozinha em laboratório da alma. É dessa fusão entre ciência e rito que nasce a *Arte* da magia na Quimbanda — uma tradição que preserva, em gesto e substância, a herança do pensamento filosófico e teúrgico do mundo antigo, via colonização europeia e diáspora africana nas Américas.

Até aqui, vimos que o padê é a *tecnologia-teúrgica* central da Quimbanda: uma *oferenda-feitiço* que condensa, em forma culinária, a doutrina das correspondências simpáticas (elementos, raios e reinos), operando simultaneamente nos planos *naturalis* (propriedades físicas dos ingredientes), *celestis* (ressonância planetária e mapeamento *raio-reino*), *spiritualis* (verbo, canto, intenção e assinatura astral) e *divina* (teurgia como alinhamento com Maioral através do Exu tutelar). Observamos também, no estudo de Exu Marabá, como padês específicos podem modular purificação, equilíbrio e travessia psíquica sob influxo lunar/ctônico, exemplificando a gramática prática dos raios. Em síntese: o padê é um *talismã vivo* que organiza substâncias, cores, texturas e tempos em um microcosmo coerente com o macrocosmo — e, a partir deste ponto, passamos ao primeiro gesto técnico do feitio: a *forração*, onde folhas e frutos fundam a arquitetura energética sobre a qual todo o trabalho será erguido.

A forração do padê — folhas, raízes, flores e frutas — é a fundação dessa arquitetura energética. Assim como o alquimista árabe prepara o talismã no momento exato da conjunção astral, o operador de Quimbanda seleciona a base do padê conforme o propósito, *linha de trabalho* do Ganga associado, ou o reino onde ele está alocado. A folha da mamona (*Ricinus communis*) duplica o poder, a espada-de-São-Jorge (*Dracaena trifasciata*, sin. *Sansevieria trifasciata*) corta, a bananeira (*Musa paradisiaca*) atrai, o bambu (*Bambusa vulgaris*) purifica, o peregrin (*Dracaena fragrans*) regenera. Cada vegetal é uma *sura viva*, um versículo natural da revelação divina, pois a criação fala por analogia. Abaixo dessa forração, o chão — elemento terrestre e ancestral — fixa o gesto mágico na materialidade do mundo. É no contato com a terra que o padê se torna ponte entre o visível e o invisível.

Sobre essa base, os ingredientes são dispostos segundo sua natureza elementar e seu raio planetário. O mel, regido pelo Sol e por Vênus, traz calor e coesão; a farinha, ligada à Terra e a Saturno, oferece estrutura e estabilidade; a cachaça, veícu-lo mercurial, dá movimento e comunicação; o sangue, princípio marcial, acende o fogo da realização. Cada padê é, portanto, uma *configuração talismânica*, um espelho da ordem celeste traduzida em matéria viva. O canto, o sopro e o ponto riscado — como a inscrição árabe nos quadrados mágicos (*wafq*) — são as palavras de poder que fixam a intenção na substância. A magia é o verbo encarnado.

A operação atinge seu clímax quando o padê é ativado pela consagração e pelo verbo. A consagração organiza os vetores de força mágica associados aos elementos, produzindo sua assinatura mágica, vivificada pelo sangue; o verbo, pronunciado ritmicamente nos cantos e encantamentos rituais, estrutura essa força na *luz astral*. É nesse momento que se formam os *servidores artificiais*: entidades astrais criadas pela combinação dos elementos e seus vitudes, organizadas pelo *àsé* do Exu através

da faca do *kimbanda*. Eles são equivalentes aos *tulpa* tibetanos ou aos *golens* judeus, servidores animados pela força vital, o *moyo*. Cada padê, ao ser consagrado, dá origem a uma assinatura astral (*impressio formae*), que o Exu se encarrega de levar e fixar no *corpo* de Maioral, garantindo sua eficácia até que a matéria se decomponha. A oferenda é, assim, simultaneamente corpo, alma e verbo.

Essa concepção, que une física, metafísica e psicologia, demonstra a sofisticação do pensamento mágico da Quimbanda. O padê é uma tecnologia da feitiçaria brasileira que condensa e projeta força mágica. Ele organiza o fluxo dessa força mágica vital em estado de latência e dispersão nos seus elementos constitutivos, criando uma assinatura astral em coerência com reinos, suas linhas de trabalho e suas associações astrais. Do ponto de vista fenomenológico, sua eficácia reside na performatividade: o *kimbanda*, ao confeccionar o padê, transforma não só a realidade pela manipulação de seus vetores de força mágica, mas também organiza sua própria consciência.⁴³ Do ponto de vista teúrgico, ele opera a reatualização da criação — a cada padê, o mundo é refeito, e o fogo de Maioral reacende no ventre da terra.⁴⁴

A funcionalidade dos padês também pode ser observada em chave antropológica. Eles constituem um sistema empírico de regulação das forças sociais, afetivas e espirituais. A oferenda, ao redistribuir seus vetores de força mágica, reequilibra as relações: apazigua o conflito, reabre os caminhos, dissolve o ódio, alimenta a esperança. Como notou Claude Lévi-Strauss (1908-2009), o mito e o rito são linguagens estruturais que organizam o caos da experiência.⁴⁵ O padê cumpre a mesma função: é um texto em forma de comida, uma narração simbólica em que os elementos se tornam personagens de uma história encantada. Por isso, o ato de cozinhar para Exu é também uma hermenêutica: o *kimbanda* interpreta o mundo por meio dos elementos, ou melhor, por meio das *virtudes ocultas* dos elementos.

A análise comparada mostra que o padê se insere na tradição universal das *tecnologias mágicas alimentares* — sistemas que convertem comida em comunicação. Dos sacrifícios mesopotâmicos às oferendas *yorùbás*, das libações gregas aos banquetes fúnebres egípcios, dos sacrifícios animais em diversas culturas, a alimentação ritual expressa o mesmo princípio: o alimento como mediador entre mundos. A Quimbanda, contudo, dá a essa lógica um caráter filosófico inédito: nela, o alimento não apenas alimenta o espírito, mas o cria. O padê é o útero simbólico de novos seres astrais — as tensões mágicas que habitam o *corpo* de Maioral.

⁴³ Na cosmogonia da Quimbanda, a consciência humana se desenvolve em estreita relação com a criação dos Reinos. Isso implica que, psíurgicamente, existem relações diretas entre os Reinos da Quimbanda e o complexo corpo-mente do *kimbanda*. Daí que, agir magicamente sobre os reinos, através da força de suas *linhas de trabalho*, é também agir sobre si mesmo. É por essa razão que padês podem ser utilizados para superação de padrões ancestrais, causar vigor físico ou aplacar a ansiedade da mente. O que é o *ebô* para os *yorùbás*, são os padês para os *kimbandas* brasileiros: medicinas para todos os males, espirituais, mentais/emocionais, e sociais.

⁴⁴ A concepção teúrgica segundo a qual o *padê* reatualiza a criação insere-se na cosmologia esotérica e teúrgica da Quimbanda, onde cada ato ritual é compreendido como uma *repetição operativa* da gênese cósmica; neste caso, a gênese dos Reinos da Quimbanda. O termo *teúrgico* — do grego *theourgia*, i.e. *obra dos deuses* — designa, desde Jâmblico (245-325 d.E.C.), a prática pela qual o homem participa da atividade criadora do deuses, não por imitação simbólica, mas por cooperação efetiva com as forças cosmogônicas. Neste caso, o feitio dos padês, na Quimbanda esse princípio significa que cada oferenda, cada combinação de elementos — fogo, terra, sangue, farinha e bebida — refaz a ligação entre o mundo visível e o invisível, entre o *kimbanda* e o Chefe Império Maioral.

O *fogo* de Maioral na cosmologia da Quimbanda, representa o *princípio ígneo da existência*, i.e. a matriz primordial que anima o Cosmos e que, no padê, é simbolicamente reacendida no *ventre da terra* — o domínio ctônico *par excellence*. Assim como na teurgia platônica o fogo divino desce ao mundo por meio do rito e nele se manifesta sob formas materiais, também na Quimbanda o fogo de Maioral se manifesta no *àṣé* que emerge da mistura sacrificial. Cada padê é, portanto, um ato cosmogônico reiterado, uma renovação periódica do pacto entre o ventre da Natureza e seus filhos, em que a oferenda não apenas honra o divino, mas recria o mundo.

⁴⁵ Claude Lévi-Strauss. O CRU E O COZIDO. Zahar, 2021, pp. 149.

Por fim, a montagem do padê é um exercício de pensamento mágico total. Cada ingrediente é uma ideia tornada matéria; cada mistura, uma relação entre planos. Se o hermetismo alexandrino afirmava que o homem é o elo entre Deus e o mundo, a Quimbanda demonstra isso empiricamente: o *kimbanda* recria o Cosmos em seu terreiro, com farinha, fogo e sangue. O padê é, assim, a forma afro-diaspórica da antiga ciência dos talismãs — uma teurgia alimentar que une filosofia, física e feitiçaria. Nele se realiza a máxima aviceniana: *A semelhança entre as coisas é a medida do poder do homem sobre elas.*⁴⁶

É a partir dessa lógica que se comprehende o sentido prático dos padês específicos de *linhas de trabalho*, como os que seguem dedicados a Exu Pantera Negra, senhor das Matas em seu aspecto noturno e felino. Cada receita manifesta um campo particular de sua atuação mágica — prosperidade, cura e destruição —, exemplificando como as correspondências entre elementos, cores e substâncias se traduzem em técnicas operativas precisas. No feitio desses padês, a teoria torna-se gesto: o carvão em sombra saturnina, o mel em princípio venusiano de coesão, e o sangue em verbo marcial da vontade. Exu Pantera Negra, espírito de guerra e de sabedoria, sintetiza na prática o que toda a seção anterior demonstrou em doutrina: que o conhecimento das simpatias e das virtudes ocultas, quando traduzido em matéria viva, é capaz de mover as potências da natureza e fixar no chão a harmonia dos astros.

Exu Pantera Negra

Padê de abertura de caminhos e prosperidade

Reino: Matas.

Raio Planetário: Júpiter (*raio da expansão e lei natural*).

Cores: Preto e Verde.

Linha de trabalho: Exu Pantera Negra é o senhor das Matas em seu aspecto noturno — o *Caboclo Kimbanda* que reúne a força felina dos povos Kotô Kanguí, dos sacerdotes de Kposún e dos xamãs ameríndios. Sua energia é solar em vitalidade e lunar em silêncio, mas vibra sob o raio de Júpiter: o planeta da expansão, da lei natural, da abundância e da vitória sobre o caos. Quando invocado para abertura de caminhos e prosperidade, Pantera Negra atua como caçador espiritual que rasga o matagal dos obstáculos, libertando as rotas de destino. Sua presença é vigorosa e prudente — rápida como o felino em caça, mas meticolosa como o sacerdote que reconhece o tempo exato de atacar. Este padê o evoca em seu aspecto diplomático e fecundante, para fecundar as trilhas da fortuna e da realização.

Finalidade: abrir caminhos materiais e espirituais, expandir oportunidades, fecundar projetos e atrair prosperidade financeira e vital.

Base:

- Farinha de milho amarelo (*Zea mays*) – abertura de caminhos, luz e abundância.
- Dendê fresco (*Elaeis guineensis*) – magnetismo.
- Mel silvestre (*Apis mellifera*) – coesão e docura das oportunidades.
- Amendoin torrado (*Arachis hypogaea*) – energia, vigor e multiplicação dos ganhos.
- Favas da prosperidade (*Phaseolus vulgaris* var. *maculatus*) – virtude de expansão e fertilidade material.
- Grãos de feijão fradinho (*Vigna unguiculata*) – potencialização energética e rapidez nos resultados.

⁴⁶ Avicena. O LIVRO DA ALMA. Globo Livros, 2007, pp. 203.

- Laranja em rodelas (*Citrus sinensis*) – fluxo jupiteriano, magnetismo e movimento financeiro.
- Pedaços de pernil suíno frito (*Sus scrofa domesticus*) – força de fixação e conquista do conforto.
- Vinho tinto suave – fecundação e condução dos influxos astrais do raio jupiteriano.

Forração:

- Folhas de peregun (*Dracaena fragrans*) – regeneração e atração de forças ancestrais.
- Folhas da fortuna (*Bryophyllum pinnatum*) – abertura e fecundidade financeira.
- Folha de bananeira (*Musa paradisiaca*) – progresso e sustentação.

Fundamento Mágico: Este padê está alinhado à virtude jupiteriana de expansão, justiça e legitimidade. Seus componentes operam simultaneamente nos níveis *naturalis* (físico e nutritivo), *celestis* (planetário) e *spiritualis* (vibracional). A farinha e os grãos multiplicam o *àsé*; o dendê desperta o magnetismo (em conjunto com a laranja); o mel e a laranja equilibram os fluxos mentais e financeiros; o vinho e o pernil ativam a fecundidade e a materialização das intenções. O somatório desses elementos cria uma *assinatura astral de abertura*, sustentada pelas folhas de peregun e fortuna, que vibram como antenas vegetais atraindo o influxo jupiteriano. Ao consagrar o padê, o operador desperta um *servidor artificial de prosperidade*, fixado por Pantera Negra no corpo de Maioral, que permanecerá ativo enquanto houver vitalidade nos ingredientes e manutenção do *àsé*.

Padê de cura do vício do alcoolismo

Reino: Matas.

Raios Planetários: Lua e Mercúrio (*cura, psique, purificação e movimento mental*).

Cores: Vermelho e Branco.

Linha de trabalho: Exu Pantera Negra, em sua vertente médica e psicopompa, domina as zonas mentais onde o vício e o descontrole emocional habitam. Quando atua sob os raios combinados da Lua e de Mercúrio, ele torna-se um *feiticeiro da mente*: aquele que dissolve ilusões, reestrutura pensamentos e reprograma hábitos. Sua medicina é lunar, voltada à purificação do sangue e à estabilização do desejo, mas também mercurial, conduzindo o pensamento à lucidez e à autopercepção. Sob essa regência, Pantera Negra trabalha na fronteira entre corpo e psiquê, onde o vício é compreendido não como falha moral, mas como desequilíbrio vibracional — um curto-circuito entre a emoção lunar e o verbo mercurial. Este padê é, portanto, uma oferenda de purificação e reeducação energética, capaz de neutralizar compulsões e restaurar a vontade soberana do operador ou do consulente.

Finalidade: trabalhar na desintoxicação espiritual e mental, dissipando o magnetismo do vício e restaurando o autocontrole, a lucidez e a força de vontade.

Base:

- Farinha de milho branca (*Zea mays*) – serenidade, calma e purificação.
- Melado de cana (*Saccharum officinarum*) – reestruturação emocional e substituição simbólica do prazer destrutivo pelo prazer equilibrado.
- Dendê claro (*Elaeis guineensis*) – purificação, apaziguamento e lubrificação das energias.

- Limão verde espremido (*Citrus aurantiifolia*) – corte e filtragem dos fluidos viviantes.
- Gengibre ralado (*Zingiber officinale*) – vigor mental e ativação da vontade.
- Grãos de feijão preto (*Phaseolus vulgaris*) – combate interior e reconstrução da força vital.
- Café torrado em pó (*Coffea arabica*) – despertar da consciência e foco espiritual.
- Fava de Dandá da Costa (*Cyperus rotundus*) – proteção espiritual, afastamento de espíritos viciosos e forças de égún adictos.
- Licor de hortelã (*Mentha × piperita*) – equilíbrio e frescor mental, transmutação do desejo.

Forração:

- Folhas de guiné (*Petiveria alliacea*) – limpeza espiritual, afastamento de vícios e égú.
- Folhas de hortelã (*Mentha × piperita*) – serenidade e equilíbrio psíquico.
- Folhas de eucalipto (*Eucalyptus globulus*) – respiração, clareza mental e renovação vital.

Fundamento Mágico: Este padê atua sobre os planos *naturalis* e *spiritualis*, utilizando o magnetismo vegetal e aromático para quebrar vínculos energéticos associados ao vício. O limão e o café filtram e despertam; o melado e o dendê transmutam e apaziguam; o feijão preto e o gengibre devolvem a força ativa; as favas e as folhas atuam como campos de ancoragem que expulsam os espíritos obsessores ligados ao ciclo da dependência. O licor de hortelã substitui simbolicamente o álcool destrutivo — não como bebida, mas como veículo de purificação e prazer equilibrado, devolvendo ao consulente o domínio do próprio corpo e de sua mente. Sob as mãos do *kimbanda*, este padê se torna um *remédio teúrgico*: uma poção sólida onde o Exu Pantera Negra atua como médico lunar, curando pela revelação e pela transmutação.

Padê de demanda, destruição e queima de inimigos

Reino: Matas.

Raio Planetário: Marte (Raio da Ação, Imposição e Guerra).

Cores: Preto, Verde e Vermelho.

Linha de trabalho: Quando evocado sob o raio de Marte, Exu Pantera Negra revela seu aspecto bélico e predador, o caçador invisível que se move no silêncio das florestas para destruir as forças que ameaçam o equilíbrio do iniciado ou da comunidade. Sua energia é de ataque e defesa, não pela brutalidade, mas pela precisão: é o felino que golpeia apenas quando o alvo se encontra vulnerável. Pantera Negra atua como Exu Executor, dissolvendo feitiços, quebrando demandas e neutralizando adversários espirituais e humanos. O fogo que o anima é purificador e destrutivo, dissolvendo correntes psíquicas de inveja, ódio e traição. Este padê é oferecido para queimar obstáculos, *matar* as influências que minam a vida e reafirmar o poder de proteção da Quimbanda nas esferas da guerra espiritual.

Finalidade: Romper demandas, neutralizar inimigos visíveis e invisíveis, destruir feitiços, afastar vampirismos energéticos e reerguer o campo de defesa do operador.

Base:

- Farinha de mandioca (*Manihot esculenta*) – firmeza e fixação do poder de ataque.

- Pimenta malagueta pilada (*Capsicum frutescens*) – ignição mágica, explosão de energia e ataque direto.
- Carne bovina com osso (*Bos taurus*) – força, resistência e sustentação da energia bélica.
- Carvão ralado (*Carbo ligni*) – absorção e aniquilação de forças inimigas.
- Sal grosso (*Sodium chloride*) – purificação, dispersão e dissolução das energias fixas do adversário.
- Feijão rajado torrado (*Phaseolus vulgaris var. pinto*) – infiltração e desarticulação gradual de demandas.
- Fava de Quebra-Demandas (*Phaseolus vulgaris*) – destruição de feitiços e retorno de forças negativas à origem.
- Conhaque – combustível de ativação do fogo de Exu, veículo da vontade e do comando espiritual.
- Sangue fresco de galinho preto (*Gallus gallus domesticus*) – fixação vital e selamento da operação mágica.

Forração:

- Folha de comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia seguine*) – proteção mágica e contra-ataque energético.
- Folha de arrebenta-cavalo (*Ipomoea asarifolia*) – golpe rápido e fulminante contra inimigos.
- Espada-de-São-Jorge (*Dracaena trifasciata*) – corte de demandas e escudos de defesa.

Fundamento Mágico: Este padê opera na polaridade ativa do Raio Marcial, unindo o fogo e a terra para gerar força ofensiva e purificadora. A farinha estrutura e estabiliza o feitiço; a pimenta fornece o calor do ataque; o carvão e o sal realizam a decomposição das forças adversas; o feijão rajado e as favas de Quebra-Demandas penetram o campo inimigo, dissolvendo-o gradualmente; o conhaque e o sangue são o combustível vital que entrega o comando à linha marcial de Pantera Negra.

A combinação desses elementos cria uma assinatura astral de *desintegração e domínio*, um servidor artificial de fogo e aço, fixado na *luz astral* por meio do sangue e do verbo do *kimbanda*. Sob o canto e o sopro ritual, esse padê se converte em um *sol negro* no corpo de Maioral: consome, purifica e estabiliza. A fumaça que dele se ergue representa o rastro invisível da Pantera em caçada — a força que se move na sombra para restabelecer o equilíbrio pela destruição.

Encerrando, fica claro que o padê é o instrumento por excelência da Quimbanda para transformar doutrina em obra: nele, a cosmologia torna-se engenharia ritual, a simpatia converte-se em técnica e o *àṣé* em forma. A ciência dos raios, lida à luz de Avicena (*naturalis, celestis, spiritualis, divina*), mostrou como cada mistura opera simultaneamente no plano da matéria, da estrela, do verbo e da teurgia; e o mapeamento *raio-reino* provou ser uma gramática prática para selecionar tempos, cores, texturas e substâncias que *falam* com Exus e Pombagiras em sua língua própria. Os estudos de caso — Exu Marabá (purificação, equilíbrio e travessia psíquica) e Exu Pantera Negra (prosperidade, cura e guerra) — evidenciaram que o mesmo arca-bouço teórico se desdobra em soluções rituais distintas, mantendo rigor técnico e fidelidade simbólica. Em suma: o padê é um *talismã vivo*, uma arquitetura energética que condensa correntes planetárias, virtudes ocultas e intenções humanas em um microcosmo coerente com o macrocosmo.

Com isso, a Seção II cumpriu seu objetivo: demonstrar, com lógica nítida e aparato operatório, como a Quimbanda *cozinha* o Cosmos no chão do terreiro — da forração às assinaturas astrais, do cálculo dos raios à consagração, da montagem à criação de servidores artificiais fixados no *corpo* de Maioral. A partir daqui, abre-se o campo para o desdobramento aplicado: receitas por *linhas de trabalho* e atribuições planetárias, variações por Reinos, ajustes por oráculo e objetivos concretos (aberturas, proteções, curas, demandas). O *kimbanda*, agora munido de teoria, linguagem e método, está pronto para fazer do padê não apenas uma oferenda, mas uma obra: um ato cosmogônico em miniatura onde a vontade, bem fundada, se faz destino.

Em meu último livro, DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTSE DA MAGIA (2024), uma seção inteira foi dedicada aos elementos constitutivos dos padês e suas virtudes mágicas, i.e. seus fundamentos ocultos. Com essa lista que traz bebidas, favas, grãos, frutas, animais etc., o *kimbanda* pode começar a montar seus padês e oferendas compreendendo-os como *sistema mágico de comunicação* com os Espíritos Ganga e *talismãs vivos* de magia.

Táta Nganga Kamuxinzela
Cova de Cipriano Feiticeiro

